

# OS ESCOMBROS E O MITO<sup>1</sup>: UM DEPOIMENTO INCOMUM<sup>2</sup>

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i26p173-179>

**Boris Schnaiderman**

O livro *Meu companheiro*, de Maria Prestes, escrito com tanta simplicidade e de modo tão direto, tem ao mesmo tempo algo de envolvente e sedutor. Tanto que foi possível reunir, na orelha do volume e no prefácio, respectivamente, duas apresentações escritas a partir de posições bem opostas, ambas comovidas e convincentes. Rachel de Queiroz teve, ao que parece, quando jovem, sua iniciação nas fileiras do PC, mas depois adotaria posições de ataque frontal a este. Dias Gomes narra a sua chegada ao Rio em 1935, “em pleno levante comunista”, e o culto que passou a ter por aquele que, “para mim e para toda a minha geração, sempre foi um homem mítico, visto com o frio e nebuloso distanciamento que os heróis impõem, imagem esta que sofreria muito desgaste, mas permaneceria como a de “um guerreiro obstinado, inflexível na defesa de suas ideias e na consecução de seus objetivos”. Vê-los reunidos deste modo obriga a constatar: como a história, o tempo, acabam desgastando arestas e polindo asperezas, reunindo os opostos e acrescentando um tom macio ao discurso sobre o passado!

Mas, de onde vem o encanto do livro? Mais de uma vez, a autora conta como eram parcos os seus conhecimentos e sublinha que em meio aos afazeres contínuos, a luta para criar, alimentar e educar os nove filhos, sete dos quais com Prestes, só podia ser uma pessoa com pouca leitura. Ela chega até a contar como os que rodeavam Prestes pareciam surpreendidos por ele ter escolhido uma companheira tão “simples”. “Afim, eu era uma pessoa pobre, do povo, não estava à altura da luta teórica do comunismo”.

---

<sup>1</sup> PRESTES, Maria. *Meu companheiro* - Quarenta anos ao lado de Luís Carlos Prestes. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

<sup>2</sup> Resenha sobre o livro *Meu companheiro*, de Maria Prestes, sobre Luís Carlos Prestes, publicada originalmente em Revista Brasileira de História, Edição Brasil 1954-1964, São Paulo. ANPUH/Marco Zero, vol. 14, n2 27, São Paulo, 1994.

Isto não a impediria, porém, de exclamar: “Não sou intelectual, porém tenho uma intuição dos diabos”.

Parece impossível precisar o que se deve realmente à intuição e o que teria resultado de uma sabedoria lentamente adquirida. Pode-se, porém, afirmar com certeza: se a sua prosa realmente se caracteriza pela simplicidade de recursos, sobretudo quanto ao léxico, ela não tem nada de simplória. A própria construção do livro, a disposição do que é narrado nos mostram grande sutileza de procedimentos. Basta prestar atenção, nesse sentido, à habilidade com que ela utiliza o flashback, os cortes abruptos e a segurança com que vai encaminhando o fio da narração.

Impressionante, a história que vai narrando! Os episódios vão-se encadeando, uns já conhecidos, outros completamente ignorados pelo público, ou pelo menos vistos sob um ângulo inusitado.

Sua infância foi em tudo semelhante à de tantas crianças nas décadas de 1930 e 40. O pai era um militante comunista, daqueles completamente devotados à causa e que, embora muito apegados aos seus, deixavam os filhos passando fome, para o chefe da família não se afastar um pouco sequer do caminho traçado. Era uma dedicação a toda prova, o militante usava uma couraça e, aparentemente, nada poderia abalar a sua certeza interior. Assim, quando Prestes saiu da cadeia e logo se aliou a Getúlio, que havia aprovado a entrega de Olga Benário, sua mulher, a Gestapo, para morrer num campo de extermínio, o pai viu nisso uma prova de grandeza. E a própria Maria Prestes, escrevendo sobre isso muitos anos depois, em estilo indireto livre, afirma que Getúlio “nos últimos anos tinha cedido às aspirações populares”. Aliás, discurso indireto livre ou identificação plena, naquele momento pelo menos, com a voz do pai? Ela não diz, mas parece que se ouve, por trás do que narra, uma vozinha seca: “Temos de pensar dialeticamente, companheiros”. Se às vezes a narradora mantém um distanciamento inequívoco, que em algumas passagens chega à ironia, outras vezes o discurso indireto livre confunde-se quase com uma adesão ao que é narrado.

Eram tempos em que se vivia uma atmosfera de pathos revolucionário, de crença inabalável, e marcas daquele período acompanham quem o viveu, para sempre. E ao mesmo tempo, a manipulação desse estado de espírito levava a extremos monstruosos. Maria Prestes escreve: “No início dos anos 50, o Comitê Central deliberava com quem os militantes iriam se casar. Era proibido falar com trotskistas, e se por acaso um comunista tivesse algum membro de comportamento duvidoso na família tinha que sair imediatamente de casa”.

Ela própria seguiu esta norma à risca, e quando seu primeiro companheiro foi preso e fraquejou nos interrogatórios, como se depreende de seu relato, não vacilou em abandoná-lo, embora tivesse com ele dois filhos.

“Por estar com duas crianças, definiram que eu iria para a casa em Jabaquara, que era uma das reservas especiais de segurança para os membros do Comitê Central. Assim, batizada de Maria do Carmo Ribeiro<sup>3</sup>, fui retirada do Recife e enviada para a Bahia, onde fiquei três meses. Após esse curto período, segui para o Rio de Janeiro e depois para São Paulo”.

Foi nessa casa em Jabaquara que Prestes, então escondendo-se da polícia, foi também morar. A autora conta com discrição, mas sem falsos pudores, a aproximação entre os dois, ele cercado daquela aura de Cavaleiro da Esperança, ela, muito mais moça e plenamente cônica de sua condição de mulher “simples”, que tivera curso secundário incompleto, e que se dedicava inteiramente às tarefas domésticas.

A partir de então, sua vida aparece completamente unida a do companheiro, mesmo quando as circunstâncias os obrigavam a uma separação. Clandestinidade, viagens à Rússia, os atropelos que se seguiram a 1964, as lutas internas do Partido, o isolamento de Prestes, hostilizado tanto pelos correligionários como pelo PC soviético, ao qual dera provas de fidelidade sem limites, tudo passa rapidamente nas páginas do livro, narrado com franqueza, às vezes com uma ponta de amargura, jamais escorregando para o panfletário, o retórico.

Aparecem, em algumas sequências, traços surpreendentes na personalidade de Prestes. Aquela referência de Dias Gomes ao “guerreiro obstinado” corresponde realmente à imagem que nos ficou. Basta lembrar, neste sentido, as suas aparições na televisão, nos últimos anos de vida, muito lúcido, muito firme, parecendo inabalável. Esta firmeza chegava às vezes & extremos absurdos. Lembro-me, por exemplo, da impressão que me ficou, em 1945, de um curta-metragem documentário sobre o comício de Prestes em São Paulo, depois de sua saída da prisão. A multidão no Pacaembu parecia prender a respiração para ouvi-lo. E ele disse então, entre outras coisas, aproximadamente o seguinte: “Agora que o nazifascismo foi destruído, subsiste para todos nós uma grande tarefa: eliminar o trotskismo, o bukharinismo, o zinovievismo”. A obsessão do lutador parecia impedi-lo de perceber que aquele discurso nem, chegava a ser compreendido pela maioria dos seus ouvintes.

Outra lembrança que me vem, de muitos anos depois. Luís Antônio Martinez Corrêa dirigiu a peça *O percebejo*, de Maiakóvski, traduzida por ele e adaptada para o palco por uma equipe. Ela estreou no Rio de Janeiro em junho de 1981, e um mês depois, no aniversário do nascimento de Maiakóvski, houve um debate no teatro. A mesa foi presidida por Antônio Houaiss, e os participantes não podiam ser mais heterogêneos. Éramos, da esquerda para a direita (pensando em alguém de frente para o público): Luís Carlos Prestes, José Celso Martinez Corrêa, o presidente da mesa, eu,

---

<sup>3</sup> Seu nome de batismo era Altamira Rodrigues Sobral.

Caetano Veloso e Susana de Moraes. Pois bem, depois de assistir àquela peça terrível, com a sua visão sinistra do mundo futuro, onde ocorreria a implantação do comunismo em toda a Terra (na parte final, a ação se passa em 1979); um mundo certo e regrado, no qual não haveria lugar para a canção, a soltura, e tudo seria controlado, asséptico e cacete, Prestes elogiou o texto de Maiakóvski e os atores, mas sobretudo o final, em que apareciam no palco dois acrobatas, um girando muito depressa em volta do outro e, a seguir, uma projeção rápida de filmes. Os dois deveriam representar o universo e a Terra, numa alusão evidente a dois versos de Maiakóvski, cantados por Caetano e apresentados ao público numa fita gravada. Aquele final triunfante fora acrescentado pelo diretor, para quebrar o tom sombrio da peça, solução a que eu me opusera, ao fazer o cotejo do texto com o original.<sup>4</sup> Mas foi justamente a este final que Prestes se apegou: percebia-se muito bem que Maiakóvski, o poeta da Revolução, expressava assim o seu júbilo com a consolidação do sistema socialista na Rússia, as vitórias da economia soviética etc. Ora, a peça, escrita pouco antes do suicídio do poeta, expressava, pelo menos no tom, uma antevisão do que sucederia. O sombrio que nela aparece era consequência de um momento de lucidez, de percepção do abismo que se abria pouco a pouco, e agora, depois da catástrofe final da União Soviética, só podemos chamar a visão de Maiakóvski, que soubera expressar com tanta força os anseios após 1917, de claramente premonitória.

Enfim, seria possível alinhar aqui dezenas de exemplos das certezas inabaláveis de Prestes, de sua confiança absoluta no caminho seguido pela União Soviética, da necessidade para os diversos partidos comunistas de seguir, sem vacilar, a linha traçada por Moscou. Pois bem, Maria Prestes nos conta fatos que desmentem esta impressão monolítica que tivemos até agora sobre o seu companheiro. “O velho nunca escondeu de mim que sabia do final trágico de muitos comunistas alemães e poloneses, entregues por Stálin a Hitler após o acordo secreto de não-agressão assinado por Mólotov e Ribentrop. Eram pessoas que ele conhecera no Comintem.”

Um dos melhores amigos deles em Moscou foi Júlio Issákovitch Gomes-Rozóvski, ou simplesmente Júlio Gomes, que em 1925, aos dezoito anos, emigrara com os pais (judeus de Odessa) para o México, onde se filiaria ao Partido Comunista. Preso e deportado para a Alemanha em 1929, transferiu-se dali para Moscou.

“Júlio Gomes, em dezembro de 1935, foi expulso do Partido por não ter origem proletária e por sua permanência no exterior nos anos 20, quando todo o povo se esforçava para defender as conquistas da revolução. Em janeiro de 36 foi demitido do posto que ocupava no Comintern e preso pelos órgãos de segurança de Stálin. Depois de meses de isolamento foi

<sup>4</sup> Fiz descrição mais pormenorizada desse evento no artigo “O Percevejo, Luís Antônio, Maiakóvski”, publicado na Folha de São Paulo, em 29-1-1988.

julgado como organizador de grupos trotskistas e divulgador da literatura contra-revolucionária. Foi deportado para o campo de trabalhos forçados, onde passou quatro anos negros. Nesse campo ele era tratado como “inimigo do povo” e o regime a que foi submetido era de absoluta escravidão. Durante muitos anos sua mulher, Klávdia Petrovna Feódorova não soube o paradeiro de Júlio. A correspondência era proibida e os parentes não tinham direito algum de procurar entender o que tinha acontecido. A versão oficial de traidor do socialismo era suficiente para justificar o desaparecimento de um ser humano.

Klávdia, ou Klava para os mais íntimos, por simplesmente ser mulher de um “inimigo”, foi também expulsa de Moscou e enviada para a Sibéria com o filho de dois anos. Não teve direito de levar quase nada e só não morreu de fome porque soube enfrentar todo o sofrimento com um verdadeiro heroísmo e canalizar sua energia para a tarefa única de “vegetar sem pensar”. (Parece sintomático que seja dedicado a ela o livro de Maria Prestes).

Ora, depois de saber de tudo isso, Prestes continuava em seu discurso de PC ortodoxo, seguidor fiel de todas as diretrizes provenientes da União Soviética. Como isso foi possível? Tem-se aí um dos aspectos trágicos dos movimentos comunistas no mundo. Obcecados com a luta contra a selvageria capitalista, muitos achavam que tudo o mais eram episódios históricos facilmente superáveis. Isto quando não se fechavam simplesmente os olhos para os aspectos sinistros do mundo soviético.

Maria Prestes narra honestamente os erros de julgamento em que seu companheiro incidiu, mas não faz sequer uma tentativa de explicar aquela contradição. Aliás, isso realmente não lhe cabia, e temos de agradecer-lhe o relato sincero. Se as incógnitas continuam, procuremos esclarecê-las retrospectivamente.

No livro surgem aqui e ali momentos que parecem atenuar aquela visão que temos de um homem com certezas plúmbeas. Sem dúvida, aqueles momentos acrescentam ao perfil traços mais humanos. Por exemplo, preocupou-se muito com a formação da filha que teve com Olga Benário, Anita, estudante em Moscou enquanto o pai vivia na clandestinidade no Brasil, temia que ela acabasse tendo dele imagem idealizada. Dizia: “Conhecer o pai através do livro *O Cavaleiro da Esperança* de Jorge Amado, é conhecer um homem que nunca existiu. Idealizado, o Prestes desse livro se parece mais com a visão acadêmica e infalível que o autor tem do marxismo”. Aliás, afirmava que a história do Cavaleiro da Esperança era “meio inventada”, pois seria mais cabível chamá-lo de Andarilho da Esperança: a maior parte da grande marcha da Coluna Prestes se fizera a pé.

Percebe-se, através de todo o livro, que ela desempenhou ao lado de Prestes o papel de quem o chamava à realidade simples e humana de cada

dia, procurando assim atenuar a rigidez de sua postura. Além disso, era mulher ligada a religiosidade popular, aos orixás da Bahia, e que acreditava em Santa Bárbara como seu anjo da guarda. O argumentador inflexível, que via tudo pela ótica da dialética materialista, tinha uma companheira que chegou a lhe dizer: “Nós comunistas temos que entender que sem os orixás não é possível a revolução no Brasil”.

Este abrandamento de rigidez acentuou-se nos últimos tempos de vida, sobretudo com os anos passados em Moscou, após 1971. Maria Prestes narra a perplexidade que sentiu ante os contrastes da sociedade soviética, com aqueles banquetes luxuosos no Kremlin e a vida paupérrima da grande massa da população, muitos vivendo em habitações coletivas, verdadeiros cortiços, várias famílias partilhando um apartamento. Ela sentiu mal-estar por viverem bem alojados, no centro de Moscou, e ainda terem uma *datcha* para os meses de verão. Frequentemente, driblava a vigilância da KGB, muito preocupada em que os hóspedes estrangeiros não tivessem contato com o cotidiano dos soviéticos, e ia visitar alguma família amiga, sobretudo relações iniciadas com os estudos dos filhos, que ela não quisera colocar numa escola especial, para dignitários do PCUS e dos “partidos irmãos”.

Prestes viveu na Rússia muito isolado politicamente. Rendiam-lhe todas as homenagens, como figura histórica, mas recusavam-se categoricamente a qualquer entendimento político. Havia a lembrança dos seus julgamentos equivocados sobre o governo de João Goulart, as suas afirmações de que a revolução no Brasil estava próxima e que uma possível reação dos generais reacionários seria esmagada. E sobretudo, o PC brasileiro afastava-se de seu Cavaleiro da Esperança, isolava-o cada vez mais, e os soviéticos só queriam manter ligação com os partidos comunistas constituídos.

Depois de voltar ao Brasil, com a democratização, ao mesmo tempo que aparecia publicamente como aquele homem inabalável, na realidade já estava muito “amaciado” e tinha momentos de verdadeira abertura para o mundo que se modificava à sua volta.

Eis uma fala sua que Maria Prestes registrou: “Um dia, quando a humanidade construir uma sociedade igualitária, todos terão liberdade para fazer qualquer coisa. Quem quiser fumar maconha, vai fumar. Homem que quiser casar com outro homem, vai casar. Quem desejar morar em outro planeta, vai morar, como quem quiser resgatar os valores humanitários e viver sua ideologia assim o fará. Mas essas coisas virão sem repressão religiosa, policial, ditatorial ou política. Nessa época a humanidade estará livre dos preconceitos que infernizam sua trajetória. Quem sabe sou o último comunista no Brasil, na América Latina e no mundo. Não tem importância. Como comunista morrerei convicto de que só há uma possibilidade para salvar a humanidade da miséria e da fome:

socializando os meios de produção, colocando-os a serviço da sociedade. Se o socialismo errou, isso não significa que o capitalismo acertou. Ninguém vai tirar de mim o direito de ser comunista leninista e revolucionário. Os que são frouxos que abram mão de seus ideais.”

Desfeito o mito, esta simples voz humana, em meio aos escombros, impressiona por sua inteireza e pertinácia. E o livro em que ela nos fala, surpreendente e rico, por mais que se apresente despojado e sem pretensão, torna-se indispensável para uma compreensão mais plena dos anos tormentosos no mundo, a partir da década de 1920.

Resumo: Este trabalho pretende comentar o livro de Maria Prestes sobre Luís Carlos Prestes, a primeiro-secretário do Partido Comunista Brasileiro, seu marido e companheiro. Simples na expressão e na escolha lexical, ele nos traz uma surpreendente competência narrativa, oferecendo-nos uma visão humanizada do líder que nos acostumamos a ver como um homem duro e inflexível. Sempre pensamos nele como alguém que detém a última palavra, nas circunstâncias históricas em que atuou. *Meu companheiro* é um texto notável para melhor entender os grandes turbilhões políticos de nosso século.

*Abstract: This work is bound to comment about Luís Carlos Prestes, The brazilian's Communist Party's main Secretary, her companion and husband. Simple in its expression, in its concrete lexical choice, it brings a surprising narrative competence, constructing a humanized presentation of this leader, we were used to face as a hard and inflexible man: we always think of him as the detector of the definitive word within historical circumstances in which he acted. Meu Companheiro is a remarkable text, imprescindibile for understanding better the great political turmils of our century.*